

Matar e deixar morrer

A distinção entre matar e deixar morrer tem sido usada na argumentação sobre decisões no fim de vida, sobretudo relativamente às discussões relacionadas com a eutanásia e a suspensão ou abstenção de tratamentos. Matar é considerado inaceitável, enquanto que deixar morrer é considerado aceitável desde que os tratamentos destinados a prolongar a vida sejam fúteis ou haja uma recusa válida desse tratamento [1]. Porém, se examinarmos mais profundamente esta questão podemos concluir que a distinção pode ser menos clara e, em certos casos, pouco útil para tomar decisões.

Há situações em que a distinção é controversa. Alguns casos dirimidos nos tribunais americanos têm revelado situações em que há discordâncias profundas entre os médicos, familiares e juizes sobre se uma determinada acção, por exemplo, suspender uma alimentação por sonda nasogástrica, numa situação determinada, é deixar morrer ou matar. Pode acontecer também que se pode matar uma pessoa deixando-a morrer, isto é, pode matar-se por omissão e não apenas por acção. Excluindo as condições indicadas em cima, os tratamentos destinados a prolongar a vida, desde que sejam fúteis ou haja uma recusa válida desse tratamento, ou, fora da área da medicina, em situações em que uma pessoa em risco de vida por afogamento, por exemplo, possa ser salva sem que o potencial salvador corra ele próprio risco de vida, deixar morrer pode ser uma forma de matar.

Matar não é necessariamente um mal. Pode-se matar em legítima defesa, por exemplo. Também na guerra é considerado legítimo matar os inimigos, por motivos semelhantes; citando o General George Patton "The object of war is not to die for your country but to make the other bastard die for his" [2]. Diz-se que um automobilista matou um peão mesmo que não tenha havido negligência,

para usar um exemplo semelhante ao usado por Beauchamp e Childress [1], pelo que se pode matar sem intenção.

Rachels, citado por Perret [3], apresentou dois casos imaginários para ilustrar a questão de haver ou não diferença entre matar e deixar morrer. Imagine-se um indivíduo A que receberia uma grande herança se o seu primo de seis anos morresse. Então, um dia introduz-se no quarto de banho quando ele estava a tomar banho e afoga-o. Arranja as coisas para parecer um acidente e, como ninguém descobre, recebe a herança. O outro caso é o de um indivíduo B que também receberia uma grande herança se o seu primo de seis anos morresse. Tal como o indivíduo A, planeia matá-lo afogando-o durante o banho. Porém, quando entra no quarto de banho a criança escorrega, bate com a cabeça e mergulha na água de cara para baixo. O indivíduo B nada faz para a salvar e a criança morre. Ninguém descobre o que passou e o indivíduo recebe a herança. Nestes dois casos não há nenhuma diferença moral entre matar e deixar morrer.

Portanto, matar ou deixar morrer não diz nada sobre se um acto é certo ou errado, isto é, são os elementos extrínsecos e não a diferença moral intrínseca que nos permitem classificar os actos. Para classificar os actos como certos ou errados é necessário saber qual a justificação desses actos e as circunstâncias que os rodeiam. No entanto, pode dizer-se que matar é geralmente errado e deixar morrer é geralmente aceitável, mas isso não é importante para a avaliação ética dos casos concretos.

Referências

1. Beauchamp TL, Childress JF. Nonmaleficence. Em: Beauchamp TL, Childress JF. Principles of biomedical ethics. New York: Oxford University Press. 5ª ed. 2001:113-164.
2. https://www.brainyquote.com/quotes/george_s_patton_102496 (acedido em 04/05/2018)

3. Perret RW. Killing, letting die and the bare difference argument. *Bioethics* 1996;10:131-139.